

**VIDA, OBRA E LEGADO DE ENRIQUE DUSSEL:  
ENTREVISTA COM EDUARDO MANUEL VAL<sup>1</sup>**Eduardo Manuel Val<sup>2</sup>Ana Vasconcelos de Medeiros Chaves<sup>3</sup>Juliana Mello de Queiroz<sup>4</sup>**[RCJ – Revista Culturas Jurídicas]**

Enrique Dussel viveu e estudou em diferentes lugares, o que lhe permitiu entrar em contato com diferentes culturas e visões de mundo. Em sua opinião, como essa experiência influenciou sua formação intelectual e sua produção acadêmica?

**[EV- Eduardo Manuel Val]**

Primeiramente, agradeço o convite realizado pelo Professor Enzo Bello, editor da Revista Culturas Jurídica; realmente, ser convidado para uma revista que tem um número em homenagem a Enrique Dussel é extremamente importante. Para falar sobre Dussel e sua transcendência, temos que entender que Enrique Dussel nasce na Província de Mendonza, muito próxima à Cordiheira dos Andes, não em Buenos Aires, e isso já é uma questão muito importante.

José Ortega y Gasset<sup>5</sup>, que afirmava “Eu sou eu e minhas circunstâncias”, vai nos dizer que a construção intelectual do sujeito é condicionada pela sua própria história de vida,

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada no dia 26 de fevereiro de 2024, através da vídeoconferência, com registro a ser disponibilizado no original, em português, no perfil da Revista Culturas Jurídicas nas redes sociais e outras plataformas na internet.

<sup>2</sup> Doutor em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (2006). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal Fluminense (UFF), professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Direito Constitucional da UFF (PPGDC-UFF). Integra o quadro docente permanente do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Estácio de Sá (UNESA) e onde ocupa o cargo de Coordenador Adjunto. E-mail: [eduardval11@hotmail.com](mailto:eduardval11@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3462-3615>.

<sup>3</sup> Mestranda pelo PPGDC/UFF; editora-assistente da Revista Culturas Jurídicas; Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Constituição, Direitos Humanos e Poder Punitivo – CDHP. E-mail: [vasconcelosana@id.uff.br](mailto:vasconcelosana@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4483-7876>.

<sup>4</sup> Mestranda pelo PPGDC/UFF; editora-assistente da Revista Culturas Jurídicas; membro da Comissão de Direitos Humanos e Assistência Judiciária da OAB/RJ; Procuradora do Município de Paracambi/RJ. E-mail: [julianamq@id.uff.br](mailto:julianamq@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4192-0471>.

os elementos da sua realidade que foram vivenciados. Dussel nasce em 1934, em uma pequena cidade chamada La Paz, em uma área rural, relativamente carente, próxima da capital da província de Mendoza. Ele tem uma infância eminentemente rural, com muito contato com a natureza, descalço, subindo em árvores, brincando com os amigos da mesma rua. E logo depois, com sua família, seus pais imigrantes de origem europeia – um pai médico, de origem alemã e uma mãe de origem italiana, comprometida com a prática da caridade cristã, com uma condição de classe média – se translada para a capital e passa a estudar na carreira de Filosofia, entre 1953 e 1958, na tradicional *Universidad de Cuyo*, onde vai obter seu título de licenciado em Filosofia com um trabalho sobre o bem comum entre os gregos. Cuyo é uma região argentina que compreende três províncias: San Luis, San Juan e Mendoza. Era região basicamente agrícola, com muitas colônias de imigrantes trabalhando na terra e no contato com o comércio com Buenos Aires e com o Chile. Esse tipo de contexto social e econômico é marcante.

A educação dele se dá em um âmbito religioso católico e esse contexto é muito importante para sua formação como intelectual e sua imersão no mundo das letras e da literatura. Ele vai encontrar na filosofia seu espaço para viver, estudar e trabalhar, o que é fundamental. A partir de uma formação, em Mendoza, ele desenvolve uma relação com jovens filósofos e intelectuais da sua geração, que, partindo do catolicismo, buscam estabelecer conexões com a Doutrina Social da Igreja, visando a melhorar as condições de justiça social para os trabalhadores rurais e para o povo em geral, em resumo. Isso é especialmente relevante quando consideramos sua interação com outros intelectuais e a construção posterior da chamada ideologia da decolonialidade. Outros nomes importantes nesse movimento são o também argentino Walter Mignolo<sup>6</sup> e o peruano Aníbal Quijano<sup>7</sup>. Se eu tiver que destacar os pilares intelectuais do pensamento latino-americano na teoria da libertação, certamente mencionaria essas três figuras. Além disso, é interessante notar que Mignolo é de Corral de Bustos, Córdoba, outra cidade importante e tradicional do interior da Argentina. Essa diferença não é menos significativa. Eles não foram formados no ambiente tradicional das elites *porteñas* e liberais de Buenos Aires; ao contrário, são produto de uma cultura periférica, presente no interior do país, com uma forte influência da religião católica.

---

<sup>5</sup> José Ortega e Gasset (1883-1955), filósofo e ensaísta espanhol. Fundador da Escola de Madrid, é considerado por muitos o maior filósofo espanhol do século XX. Autor de obras fundamentais como *A Rebelião das Massas* e *Origem e Epílogo da Filosofia*.

<sup>6</sup> Walter Mignolo (1941- ), semiólogo e professor de Literatura argentino, nascido em Corral de Bustos Argentina.

<sup>7</sup> Aníbal Quijano (1928-2018), sociólogo peruano.

É importante ressaltar essa matriz cultural, muitas vezes não compreendida por pensadores brasileiros que estudam Dussel.

Dussel segue para realizar seus estudos na área da História. Vai estudar a história da Igreja Católica e de suas atividades na América Latina e recebe uma bolsa para estudar na *Universidad Complutense de Madrid*, se iniciando aí uma etapa europeia. Na Espanha, Dussel desenvolve um trabalho importante que está entre a Filosofia e a História da Religião. Ele vai ter contato com Madrid em uma época em que a cidade não é como agora, um motor cultural e cosmopolita, mas sim durante a ditadura de Francisco Franco<sup>8</sup>. Ainda assim ele tem contato com o pensamento ocidental, com o pensamento eurocêntrico que serviu como uma abertura para leituras clássicas. Ele aprendeu grego e latim, idiomas fundamentais para trabalhar com o Direito Canônico, com a história da Igreja. É por isso que Dussel tem essa aproximação importante com os saberes ocidentais em suas línguas matriciais. E isso é muito importante: ele critica desde dentro, a partir do conhecimento e erudição adquiridos da cultura europeia, não é uma crítica de fora; isso é diferente em relação a outros pensadores de influência marxista que não conhecem intrinsecamente o pensamento ocidental, não é qualquer um que leu os clássicos em grego e latim. Mas justamente nessa Madrid franquista ele vai questionar e aprofundar as contradições dentro do cristianismo católico. Porém, surge a possibilidade de ir para Israel, onde ele vai trabalhar com um sacerdote místico francês, o padre Gauthier; mas não vai para estudar nas universidades, ele vai para trabalhar como carpinteiro, ele vai trabalhar na Palestina, no berço do cristianismo, em Nazaré, no atual Estado de Israel. Ele vai viver naquele lugar simbólico para os católicos, que é a Terra Santa, trabalhando como o próprio pai de Jesus, José, o carpinteiro, e aprendendo hebraico. E isso é muito importante porque todo intelectual tem certa alienação, está preso a uma leitura crítica da produção teórica e, portanto, abstrata. Na Palestina, Dussel vai ter esse contato real com a materialidade, tocando a madeira, suando no trabalho braçal. Imagine esse contato com esse tipo de trabalho voluntário, sem salários, em condições precárias; ele vê os colonos judeus, a maioria fugidos da Europa, que tentavam construir o futuro a partir do trabalho numa terra agreste e quando ele observa, percebe que algo está errado na estrutura patriarcal cristã e capitalista na qual ele tinha nascido e se formado na América Latina.

---

<sup>8</sup> Francisco Franc (1898-1975), militar e ditador espanhol. Liderou um golpe de Estado contra a República espanhola e sua Constituição de 1931, aliado aos setores mais retrógrados e conservadores da sociedade espanhola e com apoio militar e económico dos governos fascistas de Mussolini e Hitler. Mergulhou a Espanha na cruenta Guerra Civil (1936-1939) e estabeleceu uma ditadura que perdurou até sua morte.

Essa experiência é uma experiência de vida iluminadora que o faz pensar em voltar aos primórdios da doutrina cristã. Ele tem uma pegada teológica importante. Não é um filósofo cartesiano, que idealiza o pensamento europeu e seus grandes nomes. E tem relação com essa matriz importante do resgate da religião cristã num sentido principiológico de compromisso com os mais pobres, de caráter comunitário.

Volta para Europa para concluir seus estudos na [Universidade de] Sorbonne. Já havendo obtido um doutorado em Filosofia na Espanha, consegue um doutorado em História, focado nas investigações iniciadas no Instituto de Estudos Religiosos, de Paris. O título de sua tese nos diz muito: “História dos Bispos na América Latina de 1504 até 1620”. Quer dizer, trata-se de um profundo mergulho na transposição da Modernidade europeia para uma América Latina colonizada e subordinada ao poder das potências ocidentais e cristãs.

Quando ele volta para a Argentina, ele se torna professor de Ética e Filosofia, seguindo uma vida típica de um acadêmico universitário do interior, e se relaciona com uma rede de filósofos que estão tentando encontrar soluções ou respostas aos problemas de nossa região.

Um pouco tentando responder àquela pergunta que o filósofo peruano Salazar Bondy<sup>9</sup> fez na década de trinta – Existe uma filosofia para a América Latina? Existe uma filosofia da América Latina? – outro filósofo e intelectual mexicano, Leopoldo Zea<sup>10</sup>, também contribuiu para esse diálogo respondendo que não se trata da filosofia tradicional do campo cartesiano; tem que ser uma filosofia latino-americana de ação.

A filosofia como um marco teórico dissociado da realidade em um continente que, parafraseando Eduardo Galeano<sup>11</sup>, está com as veias permanentemente abertas, não pode apenas se ater à discussão filosófica, política; tem que ser uma filosofia prática. A partir daí, ele se relaciona muito com esse círculo de jovens, que, desde a Igreja Católica, fazem um movimento que busca uma relação mais próxima com a realidade. O pensamento marxista começa a se integrar nisso. Não o marxismo clássico e ortodoxo, mas com a ideia de que existe uma história, uma história que mostra claramente como o materialismo historicamente

---

<sup>9</sup> Augusto Salazar Bondy (1925-1974), filósofo e educador peruano. Estudou no México e na Europa com Leopoldo Zea e com Gaston Bachelard, entre outros. Sua obra “Existe uma Filosofia de Nuestra América?” (1968) gerou uma famosa polêmica com o seu antigo mestre Leopoldo Zea.

<sup>10</sup> Leopoldo Zea (1912-2004), filósofo e ensaísta mexicano. Autor de obras relevantes como “América como consciência”. Manteve com o peruano Salazar Bondy uma importante polêmica em 1969 sobre a existência de uma filosofia própria na América Latina.

<sup>11</sup> Eduardo Galeano (1940-2015), escritor e jornalista uruguaio autor do clássico “As veias abertas da América Latina”.

conformou uma ideia de classe dominante e classe dominada, um sistema de manipulação e opressão a partir da Modernidade europeia.

No entanto, esse período é marcado pelo surgimento de ditaduras militares em toda a América Latina, com os Estados Unidos intervindo em várias nações sob a paranoia da Guerra Fria, em que o "perigo vermelho do comunismo" é visto também como uma ameaça ao sistema conservador de dominação mantido pelas elites na nossa região. Isso é considerado desestabilizador do sistema, como um elemento revolucionário. A construção do pensamento crítico começa a ser censurada e perseguida. Uma forma clara e violenta dessa repressão foi a bomba que foi colocada em sua casa, destruindo toda a sua biblioteca em 1973, ano do Golpe Militar que iniciou uma feroz ditadura na Argentina. Ele consegue escapar ileso, mas perde uma parte significativa de seu trabalho intelectual. Como resultado, ele é forçado a fugir para salvar sua própria vida, seguindo o caminho de muitos intelectuais argentinos que se exilaram na Europa. No entanto, ao invés disso, ele vai para o México, em 1975, onde vai construir a maior parte de sua vida e onde recebeu a nacionalidade mexicana.

No México, Dussel encontra um ambiente político e social fértil, o que se torna um instrumento para a construção de conhecimento crítico como docente de Ética e Filosofia na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM) e na *Universidad Autónoma Metropolitana*, de Iztapalapa. Ele se torna professor, mas também assume funções de gestão administrativa na UNAM. Ele se torna o primeiro reitor honorário com uma série de homenagens. Dussel é um intelectual altamente respeitado, com doutorados honorários [*Doctor Honoris Causa*] em várias partes do mundo, incluindo a Argentina. Sua experiência na gestão é crucial. Além disso, ele se torna um dos fundadores do partido político MORENA [*Movimiento de Regeneración Nacional*], junto com Andrés Manuel López Obrador<sup>12</sup>, atual presidente do México, como uma alternativa ao partido revolucionário, o Partido Revolucionário Institucional do México [PRI], que é um partido histórico que monopolizou o governo. Este último período de sua vida é caracterizado por um forte investimento no papel político do intelectual, acreditando que a universidade do saber deveria estar a serviço da política, entendendo a política como uma ferramenta de transformação social na América Latina.

O texto dele "Filosofia da Libertação", publicado nos anos 70, apresenta uma síntese notável que ele construiu a partir de todo esse acúmulo de saberes e experiências colhidos

---

<sup>12</sup> Andrés Manuel López Obrador (1953- ), político mexicano. Fundador do Partido MORENA e Presidente do México desde 2018. Integrou o conselho Fundacional do MORENA e participou da Escola de Formação Política do MORENA.

nesse período, mesmo sem uma biblioteca, porque a dele tinha sido destruída no atentado sofrido em 1973. Imaginemos essa obra monumental nos anos 70. Imagine a mente desse homem, marcada por uma profunda gentileza e humildade, resultado de toda sua trajetória que descrevi para vocês. Sua obra reflete essas características, e talvez eu queira destacar a [obra] "Filosofia da Libertação" como um processo de liberar os saberes da América Latina.

### [RCJ]

Como como o senhor analisa a difusão da obra de Dussel na América Latina e sua recepção em países como o Brasil. No Direito, na Filosofia e nas Ciências Sociais em geral.

### [EV]

Primeiramente, como ele é um autor interdisciplinar – filósofo, historiador, teólogo e pensador –, transita por várias formas de saberes e mergulha no saber clássico para depois desconstruí-lo e decolonizar epistemologicamente esse pensamento. Para desconstruir, é necessário ter um conhecimento profundo. No Brasil, isso é bastante comum; tendemos a adotar conceitos *up to date* [atualizados] sem considerar o contexto histórico importante que permitiu a construção dessas ideias. Quando trabalhamos com autores pouco citados ou propositalmente “silenciados”, como Dussel, há um problema de compreensão sobre como isso ocorre.

No Brasil, essa recepção tardia ou restrita dos escritos de Dussel – lembremos que é autor de mais de 70 livros – a círculos específicos é evidente. Quando cheguei ao Brasil em 1991, ninguém falava sobre Dussel. Mesmo após vinte anos de sua obra fundamental, ele era ainda era praticamente desconhecido por aqui. Isso se deve ao fato de que, naquele momento, o Brasil, especialmente durante o período da Constituinte de 1988, estava predominantemente voltado para as fontes do pensamento europeu, socialista ou social democrata, ou seja, para a tradição eurocêntrica. Isso incluía a tradição eurocêntrica do marxismo brasileiro, que não deixava espaço para a disseminação do pensamento de um autor como Dussel.

Então, em 1991, vim para fazer meu mestrado na PUC-Rio. Por exemplo, naquela época não havia essa abordagem, mesmo com a presença de professores estrangeiros com uma forte formação progressista de esquerda na Europa. Eles não conseguiam trazer pensadores latino-americanos para a discussão. Isso é relativamente recente e está relacionado aos processos de integração latino-americana. Quando vim para o Brasil foi para estudar o Mercosul, nascido no Tratado de Assunção desse mesmo ano. Fui o primeiro a

trazer para a PUC-Rio a discussão sobre o Mercosul, não apenas como um projeto econômico, mas como previsto no artigo 4º, inciso I, de nossa Constituição, como um projeto/objetivo para uma integração cultural, política, social e econômica. Nesse momento, o Brasil buscava apenas o progresso econômico, sem associá-lo ao desenvolvimento cultural e social, onde o papel da América Latina era importante. Era uma época em que várias organizações europeias e institutos europeus colaboravam com a América Latina a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Eles tinham a ideia de que "nós, europeus, alcançamos um modelo importante de desenvolvimento, com progresso econômico, cultural e social, e não estamos aqui para ajudá-los". Era tendência tomar as renovadas democracias de Portugal e Espanha como modelos a seguir. Todo mundo falava de [José Joaquim Gomes] Canotilho, por exemplo; ninguém de Dussel. Esse pensamento era contrário ao de Dussel, que defendia uma filosofia latino-americana de ação política.

Isso também era evidente dentro da Igreja Católica, especialmente nas comunidades de base do cinturão paulista, que deram origem ao Partido dos Trabalhadores (PT). Era um movimento crítico dentro do catolicismo, seguindo algumas premissas do Concílio Vaticano II, do Papa João XXIII, que apontava para uma tendência de revisão dentro da Igreja. No entanto, essa tendência foi sufocada, especialmente com a ascensão de João Paulo II, uma figura mais conservadora que censurou muitas dessas ideias e de seus pensadores, como Leonardo Boff. A Teologia da Libertação foi duramente criticada e sufocada.

Dentro dos setores acadêmicos mais progressistas e latino-americanistas que retomaram os estudos da integração latino-americana a partir dos [anos] 90, Dussel foi muito bem recebido por jovens intelectuais que buscavam alternativas ao pensamento eurocêntrico dominante. A rede FLACSO [Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais] foi um núcleo de difusão do pensamento crítico.

Claro que os processos de integração como ferramentas de libertação econômica e política foram muito prejudicados pelos efeitos do que eu denomino de “pêndulo latino-americano”.

As oscilações do pêndulo no âmbito político latino-americano, entre direita e esquerda, em períodos em que tentativas democráticas fracassam e são seguidas por repressões violentíssimas em forma de fascismo – seja fascismo neoliberal ou qualquer uma de suas vertentes – acabam por frustrar o fluxo e consolidação do pensamento de Dussel. A falta de repercussão do pensamento de Dussel pode ser atribuída, em parte, à sua natureza revolucionária e ao seu compromisso sério e firme com a transformação e com uma ética

política. No entanto, essa raiz transformadora encontra limitações significativas que não se restringem à barreira linguística. Embora a língua não seja necessariamente um obstáculo, é evidente que existe um problema eurocêntrico que tende a valorizar o conhecimento proveniente do idioma inglês. A colonização do conhecimento e das bibliografias também se configura como um entrave à difusão da obra de Dussel. São poucas as bibliografias de graduação e pós-graduação na área de Direito e das Ciências Humanas e Sociais que, no Brasil, incluem Dussel.

Como um dos primeiros a trabalhar com Dussel no Brasil, tanto na Universidade Federal Fluminense (UFF) quanto em outras instituições, testemunhei o desconhecimento generalizado acerca de sua obra. Mesmo quando o interesse por Dussel despertou, muitos o abordaram sem compreendê-lo verdadeiramente. Assim, deparamo-nos com dois obstáculos: a colonização do conhecimento e da língua inglesa, por um lado, e as alternâncias políticas que censuraram Dussel por considerá-lo perigoso, por outro. O trabalho de Dussel envolve uma profunda análise das obras de Marx, destacando-se como o intelectual latino-americano com maior capacidade analítica neste sentido. Não se trata de uma adoração cega ou ortodoxa a Marx, mas sim de uma análise crítica e contextualizada. É fundamental ensinar não apenas Marx, mas também Feuerbach, Gramsci e outros pensadores que dialogam com o marxismo e têm identidade latino-americana, como Mariátegui, Mignolo e Quijano. As situações enfrentadas pelos pensadores independentes do pensamento eurocêntrico, como Dussel, são exemplificadas pelas expulsões de Mariátegui do Partido Comunista [Peruano] e de Diego Rivera<sup>13</sup>, marido de Frida Kahlo<sup>14</sup>, do Partido Comunista do México. As próprias circunstâncias do comunismo, sobretudo a partir da União Soviética, prejudicaram pensadores como Dussel, que buscam resgatar a essência transformadora do marxismo na América Latina. Dussel resgata as especificidades históricas da América Latina, destacando figuras como Simón Bolívar e revolucionários mexicanos, por compreender que essas figuras fazem parte da identidade latino-americana. Reconhece-se, assim, a importância das línguas espanhola e portuguesa, que têm uma sensibilidade linguística e histórica única, diferente do inglês, alemão e italiano. Essas especificidades históricas só podem ser compreendidas por alguém que estudou história profundamente, como fez Dussel, que se revela um excelente historiador ao desmistificar a ideia de Modernidade imposta pelos pensadores europeus. Enrique Dussel tentou desenvolver uma filosofia política baseada nas especificidades

---

<sup>13</sup> Diego Rivera (1886-1957), pintor e muralista mexicano. Foi secretário-geral do Partido Comunista Mexicano.

<sup>14</sup> Frida Kahlo (1907-1954), pintora mexicana, feminista, esposa de Diego Rivera, conhecida por sua militância política.

históricas da América Latina. Na minha opinião, o legado teórico e político de Dussel o coloca no panteão de pensadores que fundamentaram seu pensamento, como José Carlos Mariátegui e outros.

**[RCJ]**

Dussel pertence à primeira geração de teólogos da libertação latino-americanos. Você considera que essa teologia, como um projeto ético e político, afetou o campo religioso progressista na prática?

**[EV]**

A primeira geração de teólogos latino-americanos da Teologia da Libertação realizou uma renovação e purificação da teologia cristã, que pretendia acabar com a farsa, a hipocrisia e a proximidade excessiva da Igreja Católica com o poder historicamente constituído pelas elites conservadoras, a ponto de se contaminar com ele. Eu considero que o pensamento desses teóricos da libertação representa uma nova reforma, similar à Reforma Luterana, embora, neste caso, ocorra uma crítica interna, assim como Lutero, que era um sacerdote católico antes da Reforma. Dussel e sua geração tentaram, de dentro da Igreja, promover um novo projeto ético e político progressista, buscando devolver à religião o papel que tinha nos primórdios do cristianismo, quando era uma ferramenta revolucionária e social. Os cristãos não pertenciam à elite; eram mais populares e tinham compromissos com os pobres e com a luta contra as injustiças, buscando inovar a Igreja para aproximá-la de suas origens.

Portanto, para entender uma série de pensadores brasileiros, como Leonardo Boff<sup>15</sup> e Dom Helder Câmara<sup>16</sup>, é necessário compreender essa primeira geração de teólogos que tentaram modificar a estrutura a partir de dentro. O que essa geração trouxe de novo foi a desmistificação da ideia de Modernidade de forma muito clara, o resgate da dignidade da pessoa humana, especialmente da pessoa humana latino-americana, o que implica o resgate dos povos originários e do meio ambiente em geral. Em outras palavras, foi uma renovação, um resgate e um orgulho da origem, enquanto o projeto ocidental eurocêntrico, com sua Modernidade científica e do conhecimento, colocava a cultura latino-americana em um sistema de dominação e subordinação, prolongando a permanente situação de dependência.

---

<sup>15</sup> Leonardo Boff (1938-), teólogo e filósofo brasileiro.

<sup>16</sup> Dom Helder Câmara (1909-1999), bispo católico brasileiro.

O que é novo é a valorização da filosofia que emerge da América Latina e a compreensão desse problema imposto, no qual a América Latina não apenas fala sua verdade, mas também ensina sua verdade. Isso significa um papel ativo e interessante; não apenas nos descolonizamos ao falarmos para a América Latina e seu povo, sobre nossa realidade, mas também ao levarmos nosso discurso para a Europa, Estados Unidos, ensinando a eles. Com isso, destacamos a falsidade desse mito e a imposição de uma cultura “superior”, como é evidenciado na leitura clássica de Alexis de Tocqueville (1805-1859), "A Democracia na América", onde vemos uma questão eurocêntrica importante. Ao elogiar o pensamento liberal e até uma versão weberiana da ética do trabalho, parece haver uma suposta superioridade ocidental em relação à identidade latino-americana. Nesse sentido, essa abordagem era muito inovadora e talvez tenha tido o poder de emocionar os jovens teólogos que estavam trabalhando com os grupos católicos de base na América Latina, trazendo uma abordagem não conservadora e introduzindo um elemento novo: a Igreja deveria ensinar a religião e os princípios da ética religiosa de uma perspectiva de libertação, não de dominação, desafiando a ideia das "ovelhas mansas" que seguem o pastor. Cabe destacar nesse sentido o papel dos *curas villeros* na Argentina e seu papel nas comunidades mais carentes não só na ditadura como ante a violência das políticas neoliberais. De alguma forma podemos pensar no Papa Francisco e suas políticas de renovação e abertura da Igreja Católica como imbuídas desse mesmo legado.

A grande contribuição desses teólogos e filósofos e sua relação com a Teoria Crítica é assumir um papel ativo, um papel de sujeito e não de objeto histórico. Acredito que isso também está alinhado com o pensamento decolonial, deixando de ser objeto de estudo para se tornar sujeito de estudo.

#### [RCJ]

A Teoria Crítica contribuiu para a construção de uma identidade para os povos oprimidos do Sul Global, aqueles cujas vozes foram negadas ao longo da história. Ao mesmo tempo, Dussel tem se esforçado para revelar o projeto de dominação do poder hegemônico europeu-americano e estadunidense o sistema mundial do modo de produção capitalista da vida social. É possível pensar em uma aproximação entre os campos do marxismo e do pensamento decolonial, como aconteceu ou pode acontecer?

#### [EV]

Certamente é possível considerar uma relação entre o campo do marxismo e do pensamento decolonial. O movimento decolonial não pretende fazer um plágio, o movimento funciona como uma chave analítica, baseada na compreensão do marxismo, para entender a si próprio e avaliar ações de transformação social e política. Portanto, quando falamos sobre uma construção, na verdade não é exatamente isso. Trata-se de uma reconstrução da identidade. Essa identidade foi pensada de forma a minar nossa autoestima, esmagar nosso conhecimento, diminuir e desvalorizar nossa cultura, como acontece com a cultura e civilizações pré-colombianas, que foram mais do que negadas; elas foram destruídas, mutiladas, exterminadas tanto material quanto simbolicamente. Quando uma pessoa é levada a ter vergonha de sua origem, de sua formação, de sua identidade, está se cometendo um crime estratégico, pois essa pessoa mesma se tornará cúmplice e sufocará qualquer tentativa de regenerar sua própria identidade. Ela se modificará, se transformará, se adaptará a uma nova forma de pensamento e talvez se torne ainda mais feroz e violenta para reprimir e aniquilar a verdadeira identidade. Por isso, trata-se de reconstruir, resgatar tudo isso, e Dussel fez um esforço nesse sentido, ao utilizar a história, explicando como se deu o processo violento de conquista, com um planejamento meticuloso para subordinar o corpo e a mente dos povos latino-americanos até os dias de hoje. Dentro da sociedade capitalista, os capitalistas se beneficiam disso para continuar explorando determinadas formas de produção, essencialmente, sufocando o valor do trabalho na América Latina. Sufocar a autoestima do trabalhador latino-americano é central nesse processo. O que mudou, eu pergunto a vocês, de maneira substantiva em como uma patroa de classe média brasileira trata sua empregada doméstica no século XXI em comparação com como tratava uma dona de casa branca, cristã, católica na época colonial, na época da independência, na época da Primeira República ou posteriormente? Quando cheguei ao Brasil na década de 90, ainda havia quartos de empregadas minúsculos onde morava a empregada. Ainda se trancava a porta de serviço, separando-a da porta principal, ainda se dava roupas velhas e gastas e sobras para os filhos dessas mulheres que ajudavam a criar [os filhos da patroa]. Quero destacar a essência de considerar aquela pessoa como inferior. E isso se repete em todas as grandes cidades da América Latina, em casas de classe média e alta, do México até a Argentina. Eu acredito que o pensamento de Dussel é crucial para entender historicamente como isso foi construído, como é uma estratégia contínua e como se torna uma toxina que contamina até mesmo aqueles que desejam mudar. É uma questão estrutural na qual precisamos praticar o que

Gaston Bachelard (1884-1962) chamou de “vigilância epistemológica”. O pensamento decolonial tem essa abordagem, e sem Dussel, seria muito mais difícil de compreender.

**[RCJ]**

Em sua 11<sup>a</sup> tese, que em seu livro é uma tese política, Enrique Dussel busca analisar a categoria “povo” como um bloco social dos oprimidos, capaz de abarcar a unidade de diversos movimentos, classes, setores etc. Ao contrário do marxismo clássico, que concentrava a subjetividade revolucionária por excelência na classe trabalhadora, a categoria “povo”, tal como pensada por Dussel, pode continuar sendo um poderoso elemento retórico no trabalho político da esquerda contemporânea? Como podemos refutar a acusação de populismo contra os agentes políticos e pensadores da esquerda que mobilizam essa categoria?

**[EV]**

Eu mencionei a existência de uma independência e diferenciação do pensamento decolonial de Dussel em relação ao marxismo e alertei sobre as limitações do marxismo ortodoxo puro para a realidade latino-americana. Quando ele fala sobre a categoria “povo” como um bloco social dos oprimidos, ele consegue abordar a diversidade da realidade latino-americana, que não segue a mesma forma da Europa e dos EUA. Aqui, por exemplo, um setor que vocês não mencionaram é a categoria não apenas do trabalhador rural, mas também do camponês. Esvaziar essa categoria tem uma repercussão política muito importante. No Brasil, podemos lembrar das Ligas Camponesas, que geraram um tipo de pânico entre os proprietários de terras em todo o país. No Centro-Oeste, então, nem se fala do medo que surge ao mencionar a reforma agrária. Portanto, eu acredito que a categoria "povo" é resultado de uma visão diversa e complexa. Não se trata apenas de encaixar a América Latina em um modelo europeu marxista; trata-se de retirar desse modelo elementos e ferramentas que podem ser úteis. Eu não vejo ser acusado de populismo como algo negativo; se populismo vem do povo, não tenho problema com isso. Devemos entender que o pensamento conservador e neoliberais têm uma estratégia de esvaziar de conteúdo certas palavras. Portanto, "populismo" se tornou uma palavra pejorativa, assim como "direitos humanos". Os agentes políticos de esquerda precisam compreender a categoria do populismo em todas as suas variáveis, entendendo que elas exigem um equilíbrio muito sério e delicado. Pensadores que se concentram exclusivamente no último grupo de vulnerabilidade, sem entender que

existe um elo, o elo da extrema pobreza que foi construída e mantida para perpetuar a opressão e a dominação, estão cometendo um erro. Acho que também é um erro na forma como se comunica o que é o populismo. Me preocupa muito quando o discurso acadêmico pode ser entendido na periferia e no campo, pois muitas vezes usamos palavras muito difíceis. As categorias não podem ser tão complexas. Mas "populismo" é uma categoria que o povo pode entender facilmente, desde que lhe sejam fornecidos conteúdos precisos, pois há uma distorção do vocabulário. Está sendo construído um conceito distorcido de populismo com exemplos como o de Donald Trump. O populismo de figuras como Javier Milei é outra distorção. O que se está vivenciando na Argentina atualmente é algo inacreditável, sobretudo quando lembramos da história recente do país, mas isso não é populismo, pois eles deturparam a palavra e a transformaram em algo que é anti-povo, anti-popular, anti-democrático. Nós precisamos recuperar a independência do discurso, recuperar o conteúdo das categorias, recuperar as próprias categorias. Observem, por exemplo, como Bolsonaro se apropriou da bandeira do Brasil e agora estão tentando dizer que a democracia é um problema. Temos que restabelecer o verdadeiro significado das categorias e transmitir isso para o povo em processos educacionais como os propostos por Paulo Freire e Humberto Maturana. Isso só pode acontecer com a coerência entre o discurso e a ação. Não adianta ter um discurso eficaz se a ação não for clara. Quando Dussel analisava a narrativa dos ruralistas mexicanos, por exemplo, ele não estava analisando a figura burguesa, mas sim uma narrativa que revela ao povo mexicano que existe uma luta permanente e histórica que quase o levou à extinção, provocada por um sistema de opressão que impõe uma dor permanente. É por isso que eu citei Galeano. Levar isso adiante deve ser feito a partir dessa lógica. Dussel também incorporava uma abordagem afetiva em sua comunicação, o que é algo que não é tão evidente. Deve haver uma fala suave, que não é o oposto de firme, mas que seja sensível àqueles com os quais você deseja se comunicar. Quando falo sobre ações, estou me referindo à extrema generosidade de Dussel, à extrema coerência do pensador que se envolveu na política e assumiu cargos políticos. A esquerda em geral e a política em particular precisam recuperar a capacidade de mobilizar o povo e comunicar de forma mais eficaz o verdadeiro conteúdo das grandes categorias de pensamento. Eu diria que as 20 teses de Dussel [de Política] deveriam ser obrigatórias não apenas no mestrado e doutorado, mas também na graduação, e acredito que isso contribuiria muito mais para o que estamos buscando, que é uma transformação. E essa transformação passa por ter uma visão integradora e inclusiva que

reúna vários setores e não somente os trabalhadores ou operários. A dinâmica social e suas complexidades exigem abordagens que Dussel nas suas teses soube interpretar.

**[RCJ]**

Você poderia discutir a Transmodernidade formulada por Dussel, bem como o contexto histórico e social no qual ele faz essa formulação e sua validade hoje?

**[EV]**

Quando ele fala em Transmodernidade, ele está respondendo a uma grande crítica inicial dele que se referia a pensar dentro das categorias eurocêntricas. Quando você começa a trabalhar com categorias como a Pós-Modernidade, por exemplo, a partir de [Jean-François] Lyotard e da escola francesa, ou nos termos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) falando sobre uma Modernidade Líquida, e tantos outros pensadores europeus com pensamentos enraizados na Modernidade européia, você dá continuidade à dependência epistemológica tradicional. Então, quando Dussel introduz a Transmodernidade, é com a ideia de transcender uma categoria que não nos interpela com nossa realidade verdadeira, porque temos uma realidade ficcional que foi construída artificialmente como no filme "O Show de Truman".

Esse processo é uma categoria de desconstrução da Modernidade e de todas as suas formas estratégicas que mantêm a subordinação e a opressão. Devemos entender que essas categorias são psicopolíticas, como a Transmodernidade. Quando olhamos para os relatórios dos sociólogos sobre o trabalhador do Uber, do trabalhador do *delivery*, do trabalhador de plataforma digital, vemos que eles têm uma percepção diferente de liberdade, que é falsa, mas ainda assim existe. Quando você tenta transmitir um discurso para esses trabalhadores, eles não entendem porque percebem o tempo de uma forma diferente. A ideia do trabalho com horário fixo hoje é vista como uma negação da liberdade, e até mesmo a ideia de uma carteira de trabalho é malvista. O trabalhador hoje aceita ser seu próprio escravizador, e isso está enraizado em uma série de categorias que são transmitidas para a sociedade sob uma perspectiva positiva, como é a lógica do empreendedorismo. Pensadores como Standing e Byung-Chul Han tem aprofundado sobre esse tema. Temos a ideia de que o contexto histórico e social impõe barreiras fortes para esse processo de desconstrução, e era o resgate da nossa identidade que Dussel sempre buscou.

[RCJ]

E a crítica de Dussel à Pós-Modernidade situa a exterioridade à Modernidade hegemônica europeia-americana. Ou seja, a transculturalidade excluída pelo amor à unidade como necessária para a sobrevivência futura dos seres humanos e da natureza. Em sua opinião, é a Transmordenidade que supera as limitações políticas e econômicas impostas pela Modernidade e pela Pós-Modernidade representa o futuro da realização humana?

[EV]

Quebrar as estruturas culturais asfixiantes e esterilizantes e transcendê-las é um desafio gigantesco. Luigi Ferrajoli nos diz que o significado de utopia está associado a um ideal que não pode ser atingido. A utopia emergente para Ferrajoli é aquela realidade que deve ser atingida necessária e urgentemente, pois se não for alcançada, a sociedade se autodestrói. Eu considero isso importante para fazer uma análise sobre a efetividade do pensamento da Modernidade de Dussel. Ou seja, nós devemos realizar essa utopia; eu acredito que podemos; Dussel sabia das dificuldades, mas tinha a esperança de superação como bandeira. E isso está muito relacionado com o trabalho de formiguinha, mas também é o trabalho de elefante da política. Existem vários cenários: cenário local, cenário acadêmico, na graduação, em uma conferência internacional. É importante recuperar o papel revolucionário do intelectual dusseliano, que deve dialogar com o povo. Diversidade, complexidade e pluralidade estão presentes no pensamento de Dussel como fundamentais. A uniformidade é facilitadora da continuidade hegemônica do eurocentrismo capitalista.

[RCJ]

Em sua opinião, qual é o legado da vida e do trabalho de Dussel para as lutas insurgentes na América Latina no nível da sociedade em geral e no nível universitário?

[EV]

Primeiramente, não devemos diferenciar o nível da sociedade do nível universitário, e isso é um grande problema com o qual Dussel sempre se confrontou. Ele não era apenas um professor na universidade, um gestor ou um político externo. Ele era Enrique Dussel, com uma única identidade, sujeito e não objeto, falando para seus alunos no doutorado, em uma conferência, em um espaço político, dialogando com indígenas, camponeses, operários, na

América Latina, ou na Europa ou onde for. Não podemos continuar pensando que o espaço da universidade é um espaço encastelado de privilégio; esse é um pensamento da Modernidade. As universidades fechadas com uma série de protocolos são formas simbólicas de afastamento da sociedade. A universidade deve discutir dentro e fora de si mesma. Assim como existe uma Teologia da Libertação, também existe uma Pedagogia da Libertação, e Paulo Freire foi quem trabalhou isso de forma clara. Existe uma Economia da Libertação que Dussel também abordou sobre questões econômicas e em diálogo com Theotônio dos Santos, nosso ilustre economista “uffiano”. Não existem campos separados e verticalizados; existem campos horizontais, amplos em permanente expansão por inclusão, nos quais isso deve ser transmitido. Temos que recuperar nossa autoestima não apenas para recuperar nossos objetos de estudo, mas também para divulgar isso de forma clara. Precisamos resgatar o espanhol e o português e promover políticas públicas de tradução das nossas obras. Quando digo a meus alunos para estudarem mais a Constituição Mexicana e menos a Constituição de Weimar, há quem me ache meio louco. Há estudantes e pesquisadores que fazem peregrinações para Weimar, mas seria melhor peregrinar para a Cidade do México. O Direito não fica trancado, encerrado em uma caixinha, e devemos usar outras formas muito mais criativas para essa luta, como a poesia, o teatro, as artes plásticas, ou as visuais, as redes e as possibilidades da comunicação digital. Ou seja, precisamos nos reinventar, porque o Direito e a Política, da forma como estão estabelecidos hoje, não resolvem os problemas que enfrentamos. Isso é importante para que, daqui a três anos, não tenhamos outro pesadelo no Brasil. Essa é a minha ideia de pêndulo, que oscila cada vez menos e, quando para, temos que ver em que lado vai ficar: se será a destruição total da sociedade para a qual sonhamos e o retorno para uma escuridão total, ou num espaço de luta esperançosa que volte a iluminar com força a dignidade da pessoa humana. Isso é realidade, não paranoia. Acredito que Dussel deve ser considerado um exemplo para os intelectuais, professores, educadores e deve ser lido e discutido. Além disso, os políticos devem compreender profundamente Dussel, e acredito que isso também é importante. Creio que respondi.

[RCJ]

Sim, professor, chegamos ao final da entrevista e gostaríamos de agradecer sua excelente contribuição.

**COMO CITAR ESTE TEXTO:**

VAL, Eduardo Manuel. Vida, obra e legado de Enrique Dusse: entrevista com Eduardo Manuel Val. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, vol. 10, n. 27, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.

VAL, Eduardo Manuel. Vida, obra e legado de Enrique Dusse: entrevista com Eduardo Manuel Val. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, vol. 10, n. 27, 2023. Available for access: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.

VAL, Eduardo Manuel. Vida, obra e legado de Enrique Dusse: entrevista com Eduardo Manuel Val. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, vol. 10, n. 27, 2023. Disponible en: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.